

A TOPONÍMIA DA REGIÃO CENTRAL DE MINAS GERAIS

Patrícia de Cássia Gomes Pimentel (UFMG/PUC-Minas)  
[patriciacgp@ufmg.br](mailto:patriciacgp@ufmg.br)

RESUMO

Este artigo visa à descrição dos principais aspectos teórico-metodológicos da dissertação em desenvolvimento, *A Toponímia da Região Central de Minas Gerais*, que tem por objetivo a caracterização e a análise do léxico toponímico da região Central de Minas Gerais. Fundamentando-se em pesquisa que vem sendo realizada a partir do banco de dados do projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (FALE/UFMG), projeto este coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, o estudo dos nomes de lugares da região Central Mineira tem por finalidade demonstrar um pouco das contribuições linguístico-culturais para a formação toponímica do estado de Minas Gerais. A partir da análise dos topônimos de origem indígena e africana, investigaremos os 4069 (quatro mil e sessenta e nove) nomes de lugares que integram toda essa área territorial. Para tanto, adotamos como referencial teórico o modelo toponímico de Dauzat (1926) e Dick (1990).

Palavras-chave: Toponímia. Onomástica. Minas Gerais. Geolinguística.

1. *Introdução*

Desde épocas remotas, o homem nomeia os lugares por onde passa, facilitando, assim, a sua identificação e o seu deslocamento. Seja para nomear um universo recém constituído, como encontramos na *Bíblia*, no livro do *Gênesis*, ou para descrever as características de um determinado ambiente, como no caso das denominações de origem indígena, o fato é que este saber-fazer denominativo ultrapassa o caráter meramente nomenclatório.

Saber científico de caráter onomasiológico, a toponímia é definida, como propôs Leite de Vasconcelos, como o estudo dos nomes próprios de lugares (DICK, 2006). Caracteriza-se, assim, como disciplina investigativa do léxico toponímico, estudo que se realiza por meio da busca pelo conhecimento do significado e da motivação do nome de lugar.

À medida que resgata as intenções do homem no ato da nomeação do ambiente ao qual pertence, o estudo toponímico se reveste de grande importância, ao propor uma volta ao passado, visando ao preenchimento do possível esvaziamento semântico que se configurou em decorrência da passagem do tempo.

Em outras palavras, isto quer dizer que a toponímia conjugada com a história é capaz de indicar os movimentos dos povos, como migrações e colonizações, além das regiões onde determinado grupo linguístico deixou seus traços. (DAUZAT, 1926)

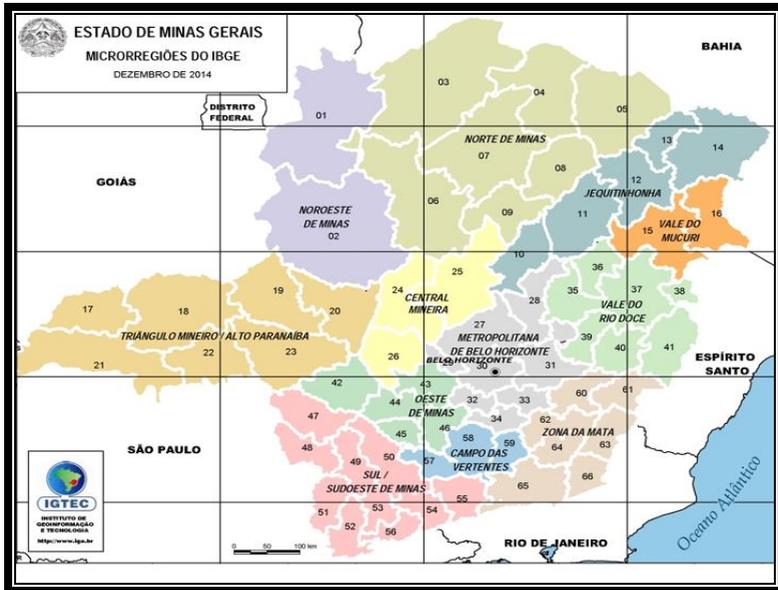
## **2. Objeto de estudo**

O objeto de estudo da pesquisa em desenvolvimento são os nomes de lugares da região Central de Minas Gerais, sua descrição e análise. Fundamentando-se em pesquisa que vem sendo realizada a partir do banco de dados do projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (FALE/UFMG), projeto este coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, o estudo toponímico dessa região tem por finalidade demonstrar um pouco das contribuições linguístico-culturais para a formação toponímica do estado de Minas Gerais, o qual se formou a partir de uma etnia diversificada, formada por estratos populacionais diversos, como os ameríndios, distribuídos em vários troncos e famílias, os portugueses, os africanos. Por essas razões, a nomenclatura geográfica do território mineiro se apresenta tão heterogênea quanto o seu próprio povo, fato este que se reflete na língua, nos usos e costumes regionais e, conseqüentemente, na toponímia local.

De acordo com a divisão proposta pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística), o referido estado se divide em 12 mesorregiões e 66 microrregiões, abrangendo um total de 853 municípios. As mesorregiões estabelecidas para Minas Gerais, conforme apresentação no mapa a seguir, são: Noroeste de Minas, Norte de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Central Mineira, Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Rio Doce, Oeste de Minas, Sul e Sudoeste de Minas, Campos das Vertentes e Zona da Mata.

A mesorregião Central Mineira é formada pela junção de trinta municípios que se encontram divididos em três microrregiões: Três Marias, Curvelo e Bom Despacho. Trata-se de uma região marcada por grande concentração populacional decorrente do número de investimentos e do efeito polarizador oriundos da Região Metropolitana de Belo Horizonte, tendo se desenvolvido, principalmente, em decorrência da produção aurífera e cafeeira verificada nos séculos anteriores.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA



Fonte:

<https://www.mg.gov.br/governomg/portal/c/governomg/conhecaminas/geografia/5669-localizacao-geografica/69547-mesorregioes-e-microrregioes-ibge/5146/5044>

Cada uma dessas microrregiões é formada por uma quantidade ímpar de municípios. A microrregião de Três Marias é composta pelos municípios de Abaeté, Biquinhas Cedro de Abaeté, Morada Nova de Minas, Paineiras, Pompéu e Três Marias. Já a microrregião de Curvelo é formada pelos municípios de Augusto de Lima, Buenópolis, Corinto, Curvelo, Felixlândia, Inimutaba, Joaquim Felício, Monjolos, Morro da Garça Presidente Juscelino e Santo Hipólito. Por fim, a microrregião de Bom Despacho é constituída pelos seguintes municípios: Araújos, Bom Despacho, Doros do Indaiá, Estrela do Indaiá, Japaraíba, Lagoa da Prata, Leandro Ferreira, Luz, Martinho Campos, Moema, Quartel Geral e Serra da Saudade.

### 3. *Constituição do corpus*

Os dados que formam o *corpus* da pesquisa em desenvolvimento são provenientes do banco de dados do projeto ATEMIG, do qual foram extraídos os nomes de lugares de origem indígena e africana identificados na mesorregião Central Mineira.

Para a realização do estudo toponímico, aplicamos a metodologia usada no projeto ATEMIG, no qual vem sendo realizados os seguintes procedimentos: a) coleta de dados: os nomes de lugares foram levantados das cartas municipais do IBGE com escalas de 1: 50.000, 1: 100.000 e 1: 250.000; b) categorização e análise prévia dos dados: os topônimos são registrados em tabelas, nas quais são especificados o tipo de acidente geográfico, a origem etimológica do nome e a distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, propostos por Dick (1990); c) catalogação dos dados em fichas lexicográficas: registro dos topônimos em fichas lexicográficas, conforme modelo sugerido por Dick (2004), de todos os topônimos.

Salienta-se que as etapas referidas nos itens *a* e *b* foram cumpridas pelo projeto ATEMIG. Já a elaboração e o preenchimento das fichas lexicográficas com vocábulos de origem africana e indígena foram realizados durante a pesquisa ainda em desenvolvimento, seguindo o padrão metodológico proposto pelo referido projeto.

As fichas são um conjunto estruturado de informações sobre os topônimos em estudo e possibilitam melhor sistematização e análise do *corpus* (SEABRA, 2004). Nelas, apresentamos: *Topônimo*: registro do nome de lugar de origem africana ou indígena proveniente do banco de dados do projeto ATEMIG; *Taxionomia*: categorização taxionômica conforme o modelo de classificação toponímica proposto por Dick, no qual há onze taxionomias de natureza física (astrotopônimo, cardinotopônimo, cromotopônimo, dimensiotopônimo, fitotopônimo, geomorfotopônimo, hidrotopônimo, litotopônimo, meteorotopônimo, morfotopônimo, zootopônimo) e dezoito taxionomias de natureza antropocultural (animotopônimo, antropotopônimo, axiotopônimo, corotopônimo, cronotopônimo, dirrematopônimo, ecotopônimo, ergotopônimo, etnotopônimo, hagiopônimo, hierotopônimo, historiotopônimo, hodotopônimo, mitotopônimo, numerotopônimo, poliotopônimo, sociotopônimo, somatotopônimo); *Origem*: indicação da origem do topônimo, ou seja, se é indígena ou africana; *Estrutura Morfológica*: indica a classe gramatical e o gênero; *Registro no Banco de Dados do Projeto ATEMIG*: além de quantificar o número de vezes que o topônimo aparece no território mineiro, são indicados também o município e o tipo de acidente (humanos: cidade, vila, povoado, fazenda; e físicos: serra, morro, rio, córrego, cachoeira, riacho, ribeirão); *Informações enciclopédicas*: neste campo, encontram-se várias informações sobre o topônimo estudado, as quais embasam a classifica-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ção sobre sua origem, sobre sua estrutura morfológica e sobre sua taxionomia.

Apresentamos, a seguir, uma das cento e sessenta e nove (169) fichas lexicográficas elaboradas nesta pesquisa para fins de análise dos topônimos em estudo.

<b>1. ANGOLA</b> <b>Mesorregião:</b> Central Mineira <b>Microrregião:</b> Três Marias <b>Origem:</b> Banto. Do quimbundo <i>Ngóólá</i> > <i>Ángoola</i> > <i>Angola</i> . <b>Estrutura Morfológica:</b> Nf <b>Ocorrências:</b> 02 ▶ <b>Angola</b> → Nomeia córrego e fazenda no município de Pompéu (microrregião de Três Marias). ▪ 2 ocorrências. <b>Informações enciclopédicas:</b> ▶ Do quimbundo <i>Ngóólá</i> > <i>Ángoola</i> > <i>Angola</i> . Refere-se a um “país do sudeste da África, na costa do Atlântico, de povos do grupo linguístico banto, entre os quais se destacaram no Brasil os de fala quimbundo, quicongo e umbundo” (Pessoa de Castro, 2001, p. 153).	<b>Taxionomia:</b> Co
--	-----------------------

### 4. *Apuração e análise dos dados*

Foram quantificados, agrupados e enumerados os 4069 (quatro mil e sessenta e nove) topônimos, segundo suas taxes e estruturas morfológicas. Esses dados estão agora sendo registrados em gráficos e tabelas para serem analisados.

Para a análise linguística dos topônimos de origem africana e indígena, observamos, inicialmente, se a sua base léxica estava registrada como africanismo e indigenismo em dicionários gerais, morfológicos e etimológicos do português. Em seguida, observamos se esses africanismos e indigenismos eram encontrados em outras obras de estudiosos que tratam especificamente do léxico africano e indígena, como Yeda Pessoa de Castro (2001) e Teodoro Sampaio (1987).

### 5. *Elaboração do glossário*

Como última etapa da dissertação, será elaborado um glossário com os termos de origem indígena e africana encontrados na mesorregião Central de Minas Gerais. Segue um modelo de verbete a ser utilizado:

<b>Angola</b> (banto) sf. País da costa ocidental africana, habitado por povos do grupo linguístico banto. Etim.: Quimb. <i>Ngóólá</i> > <i>Ángoola</i> > <i>Angola</i> . ▪ Corotopônimo.
---

## 6. Considerações finais

Conforme já mencionado, a dissertação *A Toponímia da Região Central de Minas Gerais* se encontra ainda em desenvolvimento na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Buscamos com este artigo apresentar e descrever os principais aspectos teórico-metodológicos que estão sendo adotados na pesquisa em questão. Após a análise detalhada do *corpus* em estudo, pretendemos apresentar e discutir, em outro artigo, os resultados obtidos com esta pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Yeda P. de. *Falares africanos na Bahia* (um vocabulário afro-brasileiro). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2001.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

\_\_\_\_\_. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990a.

\_\_\_\_\_. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

\_\_\_\_\_. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotônimos na onomástica brasileira. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2004, p. 121-130.

\_\_\_\_\_. Fundamentos teóricos da toponímia. Estudo de caso: O projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

GOVERNO de Estado de Minas Gerais – *Mesorregiões e microrregiões*. Disponível em:

<https://www.mg.gov.br/governomg/portal/c/governomg/conheca->

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

[minas/geografia/5669-localizacao-geografica/69547-mesorregioes-e-microrregioes-ibge/5146/5044](http://minas/geografia/5669-localizacao-geografica/69547-mesorregioes-e-microrregioes-ibge/5146/5044)>. Acesso em: 25-09-2015.

ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, vol. VI. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2012.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press; Oxford: Blackwell, 1972.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1987.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. Tese (de doutorado). FALE/UFMG, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.